



Políticas do corpo na era digital: biopoder, tecnociência e estética feminina no filme *A Substância*

Política corporal en la era digital: biopoder, tecnociencia y estética femenina en el cine de Sustancias

Bárbara de Carvalho Ortega

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Brasil.

barbarao.ortega@gmail.com

Paulo César de Carvalho Jacó

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Escola Estadual B. São João Batista, SC. Brasil.

Silvana Rodrigues de Souza

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Faculdade da Polícia Militar de Santa Catarina (FAPOM/APMT). Brasil.

Introdução

Sétima arte! Assim foi nominado o cinema, onde os desejos oníricos da humanidade tornaram-se som e imagem possíveis de serem exibidas na tela de uma sala de cinema. O que está aqui, aos poucos sendo construído, é uma reflexão a partir do método de pesquisa bibliográfico que faz uso de um aporte teórico que mobiliza conceitos como biopoder e dispositivo de Michel Foucault; capital simbólico e violência simbólica de Pierre Bourdieu, dentre outros.

O objeto de análise desse texto é o filme *"A Substância" (The Substance)*, um longa metragem de 2024, escrito e dirigido pela cineasta francesa Coralie Fargeat. A diretora recebeu o prêmio de Melhor Roteiro no 77º Festival de Cannes por esta obra (2024) e foi indicada ao Oscar de Melhor Roteiro Original em 2025. Classificado como uma sátira de horror corporal (body horror), também chamado de "horror biológico" o filme rapidamente ganhou popularidade, movimentando salas de cinema e gerando intensos debates nas mídias digitais, impulsionados tanto por suas múltiplas camadas de interpretação quanto pelas críticas que propõe e pelo desconforto que pode causar.

Das diversas possibilidades de reflexão, a partir da produção audiovisual em destaque, o artigo objetiva lançar um olhar analítico sobre dois inquietantes temas que estão latentes na produção audiovisual: i. a mercantilização da ciência instrumentalizada na lógica fáustica (Sibilia, 2015); ii. o envelhecimento do corpo feminino: entre vergonha e culpa.

Sobre o filme

A trama do referido filme apresenta como temáticas principais a padronização da

beleza, juventude e novas descobertas científicas, objetos que já foram abordados pela mesma diretora em um curta metragem nomeado *Reality +* (2014). Dez anos mais tarde, Fargeat exhibe para o mundo ocidental Elisabeth Sparke (Demi Moore), estrela de um programa matinal de fitness cuja carreira se encontra em declínio devido ao avanço da idade. Com a iminente substituição de si por uma outra mulher, mais jovem, portanto, mais bela que Elisabeth, a personagem principal aceita se submeter a um experimento científico exclusivo para pouquíssimas pessoas (*A substância*), por meio do qual foi possível que ela se transformasse e fizesse uma outra versão dela mesma, melhor que ela, mais nova, mais bela e perfeita. Essas duas versões do mesmo "eu" compartilham consciência, mas vivem separadas: sete dias para uma (original) e sete dias para a outra (cópia). A mais nova e melhor versão de Elisabeth - chamada Sue - a substitui no trabalho e na própria vida, de modo que diversos problemas começam a suceder, resultando em altíssimos custos físicos e psicológicos.

Na narrativa, a todo tempo são homens quem determinam o que é belo e quem será escolhido como a próxima estrela do programa de fitness, indicando uma objetificação do corpo da mulher, à serviço do olhar masculino. Falar do corpo é sempre falar do sujeito. "Falar da estética do corpo é falar da estética do sujeito e da sociedade" (Novaes, 2013, p. 16). A referida estética é sempre social e política, pois ela nos abre caminhos ou os fecha, conforme nossos posicionamentos, escolhas de roupas e comportamentos, selecionando, também, os grupos e pessoas com as quais mantemos contato ou distanciamento. O corpo,

em diferentes contextos, foi visto de maneiras distintas. Na Era Industrial, o corpo voltado para o trabalho, não é o mesmo da Era Contemporânea, direcionado para a beleza, a juventude eterna e o consumo. Deste modo, a beleza e perfeição encontram seu espaço privilegiado de acontecimento no corpo feminino, recuperando a divisão ficcional entre feminino e masculino, baseada na razão androcêntrica.

Mercantilização da ciência

No filme, o que torna possível todas as transformações corporais e na vida de Elisabeth é o experimento científico chamado de "A substância". Esta opção da diretora por trazer a ciência para materializar padrões e desejos (sublimados) femininos - e masculinos, pois, no filme, também, se exhibe um homem submetido ao mesmo experimento que Elisabeth - ilustra uma virada de princípios na ciência que Sibila (2015) nomeou como tradição prometeica e tradição fáustica. A primeira, seria a ciência instrumentalizada para melhorar a vida humana; Já a segunda, que se desenvolve por meados do século 20, busca não desvendar a natureza mas, "dominar certos fenômenos e tornar suas experiências utilizáveis para determinados fins" (Sibilia, 2015, p. 90), compondo a tecnociência que operacionaliza principalmente a biologia molecular, a engenharia e as novas tecnologias digitais. Trata-se de um ímpeto por otimizar e controlar toda a vida, submetida a cálculos e experimentos, ampliando um processo que já estava em curso no neoliberalismo, que caminha da sociedade disciplinar para a sociedade do controle, com "redes de poder cada vez mais compactas, com suas táticas e estratégias continuamente nutridas pelos novos saberes" (Sibilia, 2015, p. 212).

Essa lógica fáustica baseia-se em "discursos que condenam o corpo humano por ser obsoleto em sua configuração biológica tradicional e promovem a criação de um 'ser humano 2.0' reprogramado pela tecnociência fáustica" (Sibilia, 2015, p. 173). Assim, medicina e cirurgias não estão mais inseridas na lógica de curar doenças; o propósito agora é "otimizar tecnicamente uma natureza considerada imperfeita"

(p. 173), objetivando-se um corpo calculadamente "perfeito".

Outro elemento a destacar do filme é a descoberta científica de "a substância" que resulta em uma mercadoria. Esse fato ilustra a tendência da tecnociência de ser privatizada, sendo fortemente dependente de sua relação com o mercado (Sibilia, 2015). Isso faz com que, muitas vezes, cientistas não divulguem suas pesquisas, com o desejo de proteger a propriedade intelectual e comercializá-la com fins individualistas, sem medir as consequências coletivas, uma vez que o objetivo é mercadológico e fáustico. Deste modo, vivenciamos um momento de "afrouxamento de seus laços [tecnociência] com as instituições públicas e governamentais" (idem., p. 226).

A relação contemporânea entre as novas descobertas científicas e o vivo não representa uma hibridização, que respeita a singularidade do vivo (Benasayag, 2019), mas uma colonização do vivo pela máquina. Contextualizados em um tempo que as características orgânicas são consideradas obsoletas e sinais que gerimos mal nossa própria vida (Benasayag, 2021), todos devemos nos esforçar para superar tais limites, por meio de procedimentos estéticos e outras formas de manter o corpo jovem produtivo. "tanto a velhice como a incapacidade estarão associadas à limitação" (Benasayag, 2021, p. 53), incompatíveis com o projeto neoliberal, tanto para homens como mulheres. Contudo, é sabido a partir de autoras como Bell Hooks e Simone de Beauvoir que os modelos padronizados, historicamente foram mais impostos às mulheres que aos homens, processo que talvez, esteja em mudança.

Envelhecimento do corpo feminino: entre vergonha e culpa

Em tempos de espetáculos, no qual o "Eu" é o protagonista, o corpo esteticamente feio, cansado e envelhecido não tem lugar. As luzes do espetáculo são lançadas sobre os corpos sarados, belos, sensualizados, capazes de despertar e alimentar o desejo. Esse corpo não tem alteridade. Não é um outro. Foi dessubjetivado, ou seja, tirado

de sua subjetividade, de sua alteridade e deslocado para um novo cenário, um novo/outro espaço, produzido na lógica do mercado com seus dispositivos de dessubjetivação-subjetivação. Desta forma, o olhar analítico se volta para a ideia, implícita ao longo do filme, do "sentimento de vergonha". Esse é um dos clássicos e históricos dispositivos de controle que emerge e é introjetado pela personagem principal, Elisabeth Sparke, que passa a ver o próprio corpo como indesejado, fora dos parâmetros mercadológicos.

A nova lógica discursiva é: É proibido envelhecer! Desta forma, a vergonha é inevitável, pois o envelhecer é da contingência do corpo. É preciso estar a todo tempo na possibilidade de ser desejada, aplaudida, consumida. Acompanhada da vergonha, vem a culpa. O mercado exige corpos femininos capazes de seduzir. A proposição ou hipótese a ser investigada a partir do filme expressa-se da seguinte forma: Vergonha e culpa como dispositivos de controle na formação de subjetividades femininas. Aqui o uso da noção de dispositivo é instrumental e parte da de Michel Foucault (1988), o qual se servindo de uma análise genealógica, ao falar de governabilidade, identifica a culpa como parte do dispositivo de subjetivação em tempos de cristianismo primitivo. Pela ótica hipotética de Giorgio Agamben, dispositivo é um termo técnico no âmbito da investigação foucaultiana sobre governabilidade, compreendido como uma rede de elementos - tais como discursos, instituições, medidas de segurança. No esforço analítico e genealógico de Agamben, o termo dispositivo está relacionado com a expressão positividade em um contexto religioso (cristão) e é compreendido como "sentimentos que vêm impressos nas almas através da coerção e comportamentos que são o resultado de uma relação de comando e de obediência que são cumpridos sem um interesse direto (Hyppolite, p.43). A eficácia do dispositivo acontece na relação desses elementos heterogêneos. A vergonha não é um mero sentimento, ela é produção social e não pode ser compreendida como um fenômeno circunscrito na interioridade de uma subjetividade, é fato social. Como fenômeno, é num

primeiro momento, exterior ao sujeito e estabelece o padrão a ser perseguido e consumido, portanto é internalizado. Exerce coerção sobre o indivíduo que é forjado a ser um outro. Dessa forma ocorre um processo de dessubjetivação para subjetivar. Essa tal padronização está, por vezes, explícita nos discursos situados no âmbito da indústria da beleza propagandeada nos mais diversos meios de comunicação, destaque às redes sociais que ilustram o amplo fenômeno de digitalização da vida.

Considerações finais

Na sociedade contemporânea de consumo que preconiza a padronização da beleza, a mercantilização da ciência e o não olhar para o envelhecimento feminino, o individualismo se apresenta pelas fórmulas novas e originais, que de maneira arbitrária, prometem o eterno e jovem belo por intermédio dos produtos e serviços prestados pelos setores do mercado de consumo. Ao refletirmos sobre o longa-metragem "A substância" (2024), iluminamos aspectos da contemporaneidade, em que os corpos humanos são submetidos ao padrão maquínico o qual apresenta características opostas ao orgânico, que envelhece, adoece e morre. Esse projeto fáustico, que busca otimizar toda a vida na lógica produtiva, resulta na mercantilização da ciência e em sentimentos de culpa e vergonha do corpo envelhecido. Esses dois últimos pontos que foram explorados neste artigo, nos encaminham para a compreensão da interdisciplinaridade da temática da padronização dos corpos no neoliberalismo, que na contemporaneidade, atravessam as novas tecnologias digitais e a tecnociência.

Palavras-chave:

Tecnociência fáustica. Biopolítica digital. Violência simbólica. Mercantilização da ciência. Padronização da beleza.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: _____. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

BENASAYEG, M. ¿Funcionamos o existimos?: una respuesta a la colonización algorítmica. 1. ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

BENASAYEG, M. La singularidad de lo vivo. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019.

FOUCAULT, M. (1976a) História da Sexualidade v. I :Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SIBILIA, P. O show do eu. 2. ed., rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016, 360p.

SIBILIA, P. O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.